

# PEÇA DO MÊS

**MARÇO - 1999**



*Criança e mulher pedindo esmola. 1943(?)*

**GRAVURA DE ADOLFO BUGALHO**

---

**CASTELO DE VIDE**  
***Arcos dos Paços do Concelho***

## ADOLFO BUGALHO

### Um médico artista

«Raros são, com efeito, os factos que neste últimos anos contribuíram para o prestígio de Castelo de Vide e das suas gentes, a que não esteja ligado o nome deste nosso estimável conterrâneo, sem falar na generosidade e elevada competência com que, entre nós, o Dr. Adolfo Bugalho tem exercido a sua profissão de médico».

in artigo do jornal *Terra Alta*, n.º 4 de 1957

Entendeu-se escolher uma gravura do saudoso Dr. Adolfo Bugalho para figurar *Peça do Mês* não só como modo de celebração do seu nascimento, mas também, em estrita justiça, para recordar a sua notabilidade enquanto figura eminente no quadro das personalidades que se destacaram em Castelo de Vide no decurso deste século.

O pouco tempo que passou desde o infausto acontecimento da sua morte (pouco mais de doze anos), talvez ainda não tenha permitido medir exactamente a influência que o Dr. Adolfo João Lahmeyer Bugalho exerceu na cultura e na sociedade castelo-vidense do seu tempo. Comprova-o as escassas referências biográficas, impressas após o seu desaparecimento, ou a inexistência de estudos mais profundos que testemunhem a sua actividade clínica, artística e literária.

Aqui, esta simples abordagem, não é dirigida ao brilhante médico, nem pretende enaltecer a disponibilidade, competência e a segurança magistral com que exerceu a sua profissão, porquanto é inquestionável como a medicina, e a conseqüente dedicação à causa da saúde pública, foram valores dominantes da sua vida quotidiana - não obstante ela ser conseqüente duma certa orientação paterna que o encaminhou para este ramo das ciências, quando ele, então jovem estudante, colocava a hipótese de seguir uma carreira intimamente ligada com a sua inclinação artística. Na verdade, este texto pretende tão-somente traçar um breve apontamento biográfico e desenvolve-se sob a estreita intenção de apresentar alguns aspectos da sua notabilidade enquanto homem de cultura e distinto como artista gráfico.

Seria bom que com a entrada no novo século/milénio a história de Adolfo Bugalho, bem como as de tantos outros notáveis, que se destacaram no domínio da cultura, das ciências e das ideias desta nossa «cidadezinha medieval», ressurgissem, não apenas em forma de preito de homenagem, mas sobretudo para dilatação do conhecimento e testemunho dos valores que alimentam a nossa história local contemporânea, em toda a sua extensão. Porque, deste modo, ter-se-á seguramente um rosto mais fiel e vivo da verdadeira dimensão cultural desta vila.



ADOLFO BUGALHO

## IMAGENS DE UM PERCURSO



*Velho vendedor de  
O Castelovidense  
Gravura de Adolfo  
Bugalho*

Nascido na freguesia do Bonfim, no Porto, a 21 de Março de 1907, aos dezoito anos, Adolfo Bugalho entrou para a Faculdade de Medicina desta cidade, tendo-se transferido posteriormente para a de Lisboa, em virtude de achar que o grau de ensino da primeira não era suficientemente exigente. Na sua ascendência e familiares, para além de outras figuras de relevo, salienta-se o seu avô materno, do qual se explica o apelido Lahmeyer, por o progenitor deste ser de origem alemã (Bremen), e que, muito provavelmente, também terá inspirado o primeiro nome próprio de Adolfo Bugalho. Este seu avô, Adolfo Bernardo Frölich Lahmeyer (1837-1909), foi um médico célebre que se distinguiu no segundo quartel do século XIX, tendo assumido as funções de

director do Hospital de São José, do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e ainda do Hospital Inglês da Marinha Mercante.

No mês de Novembro do ano de 1933, os dois jornais que então eram editados em Castelo de Vide, noticiavam a conclusão da formatura de Adolfo Bugalho (*Folha de Leste*, n.º 120, p. 5 e *O Castelovidense*, n.º 33, p. 4, este último com o equívoco de que tinha sido pela FMUP). Adolfo Bugalho radica-se em Castelo de Vide, na casa que seus pais, Francisco José Bugalho (1864-1925) e Sofia Carlota Sarmiento Lahmeyer (1869-1913), recebem de Rosalina do Carmo Bugalho (irmã do primeiro?), e que, mais tarde, foi alvo de uma feliz intervenção arquitectónica com base num projecto do ilustre arquitecto Korrodi, amigo de Adolfo Bugalho.

O seu consultório, que inicialmente era na antiga Rua do Ouro (R. Cândido dos Reis) passa, a partir do ano de 1938, para as dependências do seu domicílio, na Travessa da Arrochela. Em 1942, por acórdão do Supremo Tribunal Administrativo, Adolfo Bugalho é definitivamente designado para o cargo de médico municipal de acordo com a proposta da Câmara Municipal, de que era Presidente o distinto eng. Alexandre Durão Cordeiro. No Verão seguinte, o médico casava com a Sr.ª D. Ana Lurdes Pereira Bugalho, de cujo matrimónio viria a nascer a única descendente, a Sr.ª D. Isabel Maria Pereira Bugalho.



Inauguração da única exposição realizada com a obra de Adolfo Bugalho. Na imagem, o artista ladeado por Carolino Tapadejo (Presidente da Câmara) e pelo Mestre Ventura Porfirio. Arcos dos Paços do Concelho, 6 de Junho de 1981.

Adolfo Bugalho dedicou-se à arte pela arte. Dela se serviu, não como um fim, senão como meio de expressar a sua extrema sensibilidade, para fuga às vivências dolorosas inerentes à sua profissão e ainda para satisfação da sua outra vocação recalçada. Pois, já no tempo em que era aluno de medicina, tinha frequentado, durante um ano, um curso de desenho por correspondência. De facto, muita coisa a ilustrar as suas indissimuláveis tendências para as Belas Artes e o sonho de ser arquitecto...

Não foi possível determinar em que momento o autor dos quadros da capela-mor da Igreja de Santa Maria da Devesa iniciou a sua actividade artística no campo da xilogravura; todavia, os primeiros trabalhos gráficos deste tipo aparecem impressos no semanário *O Castelovidense*, a partir do n.º 451, de 4 de Outubro de 1942. E, com efeito, esta experiência na actividade jornalística foi, sem qualquer dúvida, uma prática salutar que acabou por o cativar ao longo da vida, dando-lhe ensejo para, a par das narrativas, talhar inúmeras gravuras, de maior ou menor dificuldade, bem como pequenos logotipos que, a partir do início da década de quarenta, para além de ilustrarem revistas, panfletos e cartazes, enriqueceram substancialmente o grafismo dos jornais locais, nomeadamente *O Castelovidense* e o *Terra Alta*.

Os seus primeiros artigos publicados datam também do mesmo período em que se verificam as primeiras impressões das suas gravuras. Na altura, Adolfo Bugalho já acumulava as funções de médico municipal e de médico da Casa do Povo de Castelo de Vide. Um dos seus primeiros artigos, ilustrado por uma terna imagem talhada pelo seu canivete, intitula-se «Assistência Social á Mãe e á Criança» onde, no caso, denuncia a enorme taxa de mortalidade infantil por negligência das mães (*O Castelovidense*, n.º 489, 4 de Julho 1943). Curiosamente, também o assunto abordado no seu último artigo («João Semana Relembra», jornal *O Pregão*, n.º 15/16 de 86) relata a aflicção e angústia de um pai que vê morrer o seu filho «na solidão dos Barros de Póvoa e Meadas» sem que alguém o pudesse socorrer. Efectivamente, os temas das suas crónicas, bem como o das suas gravuras, deixam antever o forte espírito humanístico e o temperamento emotivo com que ao longo da sua vida afirmou o seu carácter. Aliás, os acontecimentos e as questões humanas, de dimensão social e cultural, foram os que mais

## CARICATURAS



Octávio Panasco, Emília Marmelo, Augusto Rainho e Mário Rainho

## ETNOGRAFIA



Azeitoneiras

## FIGURAS ILUSTRES



Garcia D'Orta

de dimensão social e cultural, foram os que mais lhe deram ensejo para se manifestar, não apenas como médico, mas também como doutor da caridade, da amizade, da causa pelo doente e pelo próximo, e ainda como artista.

Adolfo Bugalho talhava habitualmente as suas gravuras ao serão, depois de jantar, na camila da sua sala de estar. Por prazer ou a pedido, realizou um número vastíssimo de matrizes que, conforme afirma o nosso ilustre conterrâneo José Luís Porfírio, director do Museu de Arte Antiga, no catálogo da única exposição efectuada com a obra gráfica do médico artista «se foram publicando em Castelo de Vide pontuando graficamente ora uma festa religiosa, ora uma mais pagã abertura de caça, um espectáculo, um centenário ou outra comemoração, fixando, sem espírito de sistema, as gentes e seus costumes, as pedras, a terra, os bichos, os amigos também, num retrato permanente e sempre renovado da vila e do seu termo». Já alguns anos antes, no opúsculo de carácter biográfico de António Vicente Raposo Repenicao (*Castelo de Vide, Nas Letras e nas Ciências; Escritores e Bibliografia*; separata do jornal *Terra Alta*, Castelo de Vide; 1970, pp. 11 e 12) refere: «Elogiosa e justamente apreciada esta colecção de gravuras que os críticos e artistas consideram como belos e valiosos trabalhos de gravura, impõe a necessidade de reunir o que andar à *gandaia* para lhe dar continuidade de vida»

Menos conhecida é a sua vertente de aguarelista, porém, por amabilidade da sua família, que nos facultou algumas das suas aguarelas encadernadas em pequenas compêndios, tivemos acesso a apontamentos muito interessantes que efectuava habitualmente durante as suas viagens, ou nas estadias junto à costa nos períodos de férias.

De Adolfo Bugalho, retemos a sua simpática e afável figura nos últimos anos de vida, pelas regulares consultas e leituras na biblioteca municipal, em que continuava a manifestar uma enorme avidez intelectual, com a persistência própria dos autodidactas, aprofundando os seus conhecimentos de história geral e local, bem como de literatura portuguesa.

NATUREZA



*Paisagem com  
casal de perdizes*

MONUMENTOS

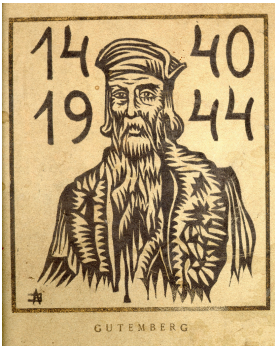


*Arco da Aramenha*

RELIGIÃO



*Cristo da coluna*



Gravura de Adolfo Bugalho na capa do «Mostruário da Tipografia Castelovidense, de Júlio José Rabaça, apresentada na Exposição da Vida Corporativa do Distrito de Portalegre, em 1/5/44»

Estranhamente, um pequeno segmento da população chegou a apontá-lo como uma personalidade que, pelo desempenho do seu cargo de subdelegado de saúde terá proporcionado uma certa área de choque com um conjunto de pessoas que lhe atribuíam uma mentalidade demasiado conservadora. Todavia, alguns testemunhos jornalísticos e a exemplar postura na negociação de terrenos da família com a Câmara Municipal, para a expansão de Castelo de Vide na segunda metade da década de setenta, são provas evidentes de como aquelas acusações eram infundadas, que, de resto, nunca lhe causaram qualquer erosionamento na sua honorabilidade e distinção.

Para além dos inúmeros artigos doutrinários, de sensibilização para o bem-estar e prevenção de doenças, particularmente infantis, e das crónicas e narrativas, efectuou uma rápida passagem pela investigação, publicando, no ano de 1951, na revista médica *Clínica de Higiene e Hidrologia*, «*Rickettsioses – Casos de ornitose*» e ainda «*Alguns casos de doença com reacção de Weill-Felix positiva constatada no concelho de Castelo de Vide*». Enriqueceu a sua bibliografia e o acervo bibliográfico viticastroense, no plano da expressão teatral, com as obras, *Eu e o Meu Chapéu* (Editorial Império, 1961) e, em 1963 e 1964, *Sombra de um Brilho e O Pregão*. Como acrescenta o trabalho atrás mencionado de António Repenicado (*ob. cit.* p.11) «em relação à sua obra ao seu dinamismo, ao seu espírito tenaz e empreendedor, à sua actividade inteligente e esclarecida, se devem quase todos os movimentos colectivos de ordem cultural, nos últimos anos aqui realizados.

Dominado pela sua Arte, desenhou e executou, sob temas locais, a maravilhosa colecção de gravuras de madeira que corre dispersa pelos jornais de Castelo de Vide, revistas médicas e outras publicações».

Adolfo João Lahmeyer Bugalho morre aos 79 anos, no dia 10 de Dezembro de 1986, mas, por ter sido quem foi, a sua memória conserva-se em actualidade candente, pelos amigos e por todos quanto nele puderam observar um paladino da comunidade e um membro altruísta da mesma. As palavras de despedida de Mário Rainho, amigo e companheiro de tertúlias e da actividade teatral, continuam a vigorar, porque, de facto, «Adolfo Bugalho não morreu, continuará vivo na nossa memória e na história de Castelo de Vide que tanto amou e onde deixou fortes marcas da sua cultura e inteligência» (*O Pregão*, n.º 15/16, Dezembro de 1986).

**PEÇA DO MÊS DE ABRIL: Jornal *Alto Alentejo* – 1908  
Número 1 do primeiro jornal editado em Castelo de Vide**

## A GRAVURA DA PEÇA DO MÊS

**Título:** *Criança e Mulher pedindo esmola.*

**Motivo:** ilustração das festas de beneficência iniciadas no Verão de 1943 com vista a contribuir para a grave situação económica das casas de caridade de Castelo de Vide.

Sob a gravura foi publicada a seguinte mensagem: «Ajudai as Casas de Caridade de Castelo de Vide, contribuindo com o vosso auxílio e com os vossos donativos para as festas que se vão realizar».

### O BLOCO (MATRIZ)

**Técnica:** matriz talhada manualmente por goiva e navalha.

**Material:** bloco em madeira de nogueira, em suporte de madeira de pinho.

**Data:** 1943 (?).

**Número de inventário:** ainda não foram completamente inventariadas ou objecto de catalogação ou estudo. Cerca de 290 encontram-se na posse da família enquanto que algumas terão sido oferecidas a amigos ou a colectividades locais.

**Dimensões:** largura - 26 cm; altura - 20,5 cm.

**Propriedade:** família de Adolfo Bugalho.

**Depósito:** Travessa da Arrochela, Castelo de Vide.

**Exposição:** *Gravuras de Adolfo Bugalho*, realizada nos Arcos dos Paços do Concelho, em 6 de Junho de 1981, organizada pela Câmara Municipal.

### A ESTAMPA

**Técnica:** prensagem mecânica, a uma cor, da matriz sobre a cartolina previamente humedecida com água.

**Material:** cartolina creme de 200 gr e tinta sépia.

**Data:** 1981.

**Número de exemplar e de série:** 8 de 20.

**Dimensões:** largura - 32,5 cm; altura - 25 cm.

**Propriedade:** família de Adolfo Bugalho.

**Depósito:** Travessa da Arrochela, Castelo de Vide.

**Divulgação:** no jornal *O Castelovidense*, n.º 487, de 20 de Junho de 1943; na exposição *Gravuras de Adolfo Bugalho*, realizada nos Arcos dos Paços do Concelho, em 6 de Junho de 1981, organizada pela Câmara Municipal.

**Agradecimentos** às senhoras D. Ana Lurdes Pereira Bugalho e D. Isabel Maria Pereira Bugalho pelo amável empréstimo da matriz e da gravura que figuram nesta exposição, bem como aos senhores Joaquim Maria Mouta e Manuel Maria Mouta, proprietários da tipografia *Castelovidense*, pelo empréstimo de documentação que contribuiu para o enriquecimento deste trabalho.

## A GRAVURA EM MADEIRA

A designação genérica do termo gravura tem uma vasta aplicação, podendo não só aplicar-se à técnica de talhar em matrizes de madeira como também à de gravar em placas de metal (zinco, cobre, aço), nas quais os desenhos são abertos por instrumentos adequados (buris, pontas-secas, etc.) e por meio da utilização de ácidos. No caso concreto da gravura em madeira – xilogravura –, consiste num processo bastante simples e prático, em que se trabalha directamente o «bloco» (placa de madeira mole) e se talha o desenho, contra os veios, com uma goiva ou canivete.

O desenho obtido é conseguido pela superfície que o instrumento cortante utilizado deixou, e que, depois de tintado, poderá estampar-se em diferentes suportes (papel, cartão, tecido) por acção de uma prensa, ou mesmo por acção manual, ficando obviamente impressa a imagem inversa da matriz.

A ideia de imprimir ilustrações através da utilização de pranchas de madeira gravadas surgiu na Europa, sobretudo na Alemanha, Flandres e França, por finais do século XIV. Admite-se que os desenhos fossem de pintores ou escultores, mas, muito provavelmente, as matrizes seriam elaboradas por artífices especializados na estampagem de papel ou de tecido. Nestes primeiros séculos, a xilogravura manifestou-se essencialmente em trabalhos de arte popular, não despertando, portanto, o interesse dos grandes artistas.

Ainda nos seus primórdios, as imagens deste tipo utilizavam na composição das gravuras linhas simples e grossas, sem expressar efeitos tridimensionais (conseguidos apenas com sombras de mais difícil execução), de traçado plano e ornamental, regra geral com motivos religiosos.

Graças ao facto de uma matriz permitir um vastíssimo número de estampas, com um dispêndio mínimo de esforço, tempo e dinheiro, as gravuras puderam ser vendidas por preços muito baixos, possibilitando assim, pela primeira vez na história, que as camadas sociais mais desfavorecidas tivessem acesso a imagens artísticas para uso próprio nos seus domicílios.



*Santa Doroteia, 1420.*

Uma das mais antigas gravuras em madeira.  
Staaliche Graphische Sammlung, Munique.